



Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

**CAMPUS III- GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

Isabel Cristina Tavares da Silva

**Linha de Pesquisa
Transformações econômicas e processos de urbanização**

**Urbanização Desordenada x Políticas Públicas: um caso de estudo
do Mutirão II - Sapé - PB**

**Guarabira-PB
2012**

Isabel Cristina Tavares da Silva

**Urbanização Desordenada x Políticas Públicas: um caso de estudo
do Mutirão II - Sapé - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades Osmar de Aquino – Campus III, sob orientação do professor Esp. José Eduardo de Santana, em cumprimento aos requisitos necessários para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Geografia.

**Guarabira-PB
2012**

S586u Silva, Isabel Cristina Tavares da .
Urbanização desordenada x políticas públicas: um caso
de estudo do Mutirão II - Sapé – PB [manuscrito] / Isabel
Cristina Tavares da Silva . – 2012.

46 f. : il. color.

Digitado.

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba,
Centro de Educação, 2012.**

“Orientação: Prof^o Esp. José Eduardo de Santana,
Departamento de Geografia”.

1. Geografia histórica – Sapé PB. 2. Urbanização. 3.
Políticas Públicas. Título.

21. ed. CDD 911

Isabel Cristina Tavares da Silva

Urbanização Desordenada x Políticas Públicas: um caso de estudo do Mutirão II - Sapé - PB

BANCA EXAMINADORA



**Prof. Esp. José Eduardo de Santana / UEPB
Departamento de Geografia – CAMPUS III - UEPB
(Orientador)**



**Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas
Departamento de Geografia – CAMPUS III - UEPB
Examinador**



**Prof. Ms. Robson Pontes de Freitas Albuquerque
Departamento de Geografia – CAMPUS III - UEPB
Examinador**

Aprovada em, 28 de novembro de 2012.

**Guarabira – PB
2012**

Dedico a Deus pai que me deu a vida, saúde e força para batalhar, superar as dificuldades e lutar pela realização dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

- ❖ A Deus todo poderoso e criador do universo, pela minha vida, saúde, força e coragem para enfrentar as dificuldades do dia-a-dia.
- ❖ A minha família em especial a meu pai Jorge e minha mãe Severina que com muita humildade me colocaram no mundo onde fui criada com muito carinho e amor, e com muita dedicação, companheirismo e esperança me ajudaram durante todo meu curso e na realização deste trabalho.
- ❖ Ao meu namorado amigo, companheiro e eterno amor Alexandre pela paciência, compreensão, força, carinho, amor, e pelo estímulo que foi fundamental nas horas de fraqueza.
- ❖ Ao meu professor e orientador Santana, pela dedicação e ajuda que foi fundamental para o término deste trabalho.
- ❖ As minhas amigas e companheiras da universidade Aline, Elisabete e Taíze que durante quatro anos estivemos juntas na batalha para concluirmos mais essa etapa em nossas vidas.
- ❖ A todos do bairro Mutirão II, em especial as agentes de saúde: Celiane e Cleide, por me receber tão bem e ajudar com as informações necessárias para a realização desta monografia.
- ❖ A todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para o resultado deste trabalho monográfico.

"Nenhuma calamidade é capaz de desagregar, tão profundamente e num sentido tão nocivo, a personalidade humana como a fome, quando atinge os limites da verdadeira inanição".

Josué de Castro

O43- GEOGRAFIA

Urbanização Desordenada x Políticas Públicas : um caso de estudo do Mutirão II - Sapé - PB

Linha de Pesquisa: Transformações econômicas e processos de urbanização

Autora: Isabel Cristina Tavares da Silva – Curso de Geografia

Orientador: José Eduardo de Santana. CH/UEPB

Banca examinadora: Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas. DGH/UEPB

Prof. Ms. Robson Pontes Freitas Albuquerque. CH/UEPB

RESUMO

O presente trabalho monográfico consiste em uma abordagem estrutural e conjuntural do processo de Urbanização Mundial e brasileira dando ênfase a ausência na cidade de Sapé PB, mais precisamente no bairro Mutirão II. Este trabalho relata esse processo de Urbanização a partir do surgimento da cidade, até os dias atuais, tendo como objetivo principal analisar os problemas causados pela falta de infra-estrutura urbana para os moradores do bairro Mutirão II, na mencionada cidade. Para a presente monografia foi utilizado o suporte teórico de alguns autores que abordam o nascimento das cidades e as problemáticas do processo urbano, como Lewis Mumford (2008), Ana Fani Alessandri Carlos (2007), Ermínia Maricato (2003), Leonardo Barci Castriota (2003), Jaime Oliva (1995), Milton Santos (2008), Arlete Moisés Rodrigues (2003), Sabiniano Maia (1985), Leonardo Benevolo (2009), entre outros. A pesquisa desenvolvida neste trabalho aborda as características urbanas e sociais do referido bairro, analisando sua ausência de infraestrutura, habitações precárias e muita pobreza, ocasionado pela falta de atuação do poder público. A referida pesquisa demonstra como uma grande parcela da população brasileira vive em condições muito precárias, e como é importante e fundamental para uma comunidade a ação do poder público.

PALAVRAS-CHAVE: Urbanização. Políticas Públicas. Pobreza.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

FOTO 1	Antiga Estação Ferroviária Sapé-PB.....	29
-		
FOTO 2	Trem Maria Fumaça que passava em Sapé na década de 40	29
-		

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	Crescimento demográfico da população brasileira.....	17
-		
GRÁFICO 2	Distribuição da população Brasileira.....	19
-		
GRÁFICO 3	Tempo que reside no bairro.....	23
-		
GRÁFICO 4	Características das residências.....	25
-		
GRÁFICO 5	Distribuição de água e energia elétrica.....	27
-		
GRÁFICO 6	Quantidade de pessoas por residências.....	29
-		

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 –	Localização geográfica do estado da Paraíba.....	45
MAPA 2 –	Localização geográfica do município de Sapé.....	46
MAPA 3 –	Delimitação dos bairros em sapé atual.....	47
MAPA 4 –	Setor 31 da cidade de Sapé onde se localiza o bairro Mutirão II.....	48
MAPA 5 –	Divisão por quadras da comunidade Mutirão II.....	49

LISTA DE TABELA

TABELA 1 –	Distribuição do Produto Interno Bruto (PIB) do município de Sapé em 2009.....	31
-------------------	---	----

LISTA DE SIGLAS

CAGEPA:	Companhia de Água e Esgoto da Paraíba
CPRM:	Serviço Geológico do Brasil
Dr.:	Doutor
Esp.:	Especialista
hab./km ² :	Habitante por quilômetro quadrado
ha.	Hectare
IBGE:	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
Kg:	Quilograma
Km:	Quilômetro
km ² :	Quilômetro quadrado
mm:	Milímetro
Ms:	Mestre
PIB:	Produto Interno Bruto
RPPN:	Reserva Particular de Preservação Nacional

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	AS ORIGENS DA CIDADE.....	13
2.1	Visão Evolucionista.....	15
2.2	Visão Materialista.....	16
2.3	Visão Culturalista.....	16
3	URBANIZAÇÃO BRASILEIRA.....	18
3.1	A crise habitacional brasileira.....	19
4	ORIGENS DAS FAVELAS NO BRASIL.....	21
5	CARACTERIZAÇÃO GEOGRÁFICA DA ÁREA.....	24
5.1	Antecedentes Históricos.....	25
5.2	Aspectos Naturais.....	26
6	ECONOMIA DO MUNICÍPIO DE SAPÉ.....	28
7	HISTÓRICO DA COMUNIDADE MUTIRÃO II.....	30
7.1	O bairro Mutirão II nos dias atuais.....	31
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
	REFERÊNCIAS.....	39
	Apêndice.....	41
	A – Questionário.....	42
	B - Fotos.....	43

1 Introdução

O processo de urbanização iniciou-se com o surgimento das cidades. Na antiguidade a principal atividade era a agricultura, o extrativismo e demais atividades primárias. O crescimento desordenado dos núcleos urbanos só ocorreu depois do advento da Revolução Industrial no século XIX, devido à migração da população rural para as cidades em busca de melhores condições de vida (SILVA, 1997).

A rápida e crescente urbanização brasileira da segunda metade do século XX colocou as cidades como centros polarizados da vida econômica, política, cultural, regional e nacional. Juntamente com a expansão das atividades industriais, acabou tornando-se centros atrativos para diversos trabalhadores de áreas rurais, em busca de melhores condições de vida (GALINA et al, 2004).

Segundo Silva (2010) a urbanização brasileira começou pela região Sudeste, devido às indústrias e os investimentos públicos que para lá foram dirigidos. Como consequência, ela também não ocorreu de forma homogênea em todas as regiões do país. A região Sudeste possuía melhores condições de infraestrutura, por isso, foi para lá que as indústrias instalaram-se, contribuindo conseqüentemente para a aceleração do processo de urbanização da região.

Para Carlos (1997) o rápido crescimento industrial traz à cidade mudanças significativas, tanto no modo de vida da população, quanto ao processo espacial. Pois a indústria atrai milhares de pessoas para a cidade, e conseqüentemente aumenta os problemas sociais, de habitação e até mesmo ambiental.

Na ausência de uma política urbana mais justa, agravada pela falta de recursos, o Brasil viu surgir situações aberrantes, entre uma região central relativamente bem dotada de periferias deploráveis. Muito pesou a incapacidade histórica nacional, de viabilizar desenvolvimento em outros pontos do vasto território, algo capaz de frear os movimentos migratórios exagerados – sem perder de vista, a escandalosa “indústria da seca”, isto é, o desvio corrupto de recursos não aplicados à destinação do nordeste (YÁZIGI, 2003 In: CARLOS et al, 2005).

As aglomerações habitacionais subnormais são um dos sintomas mais visíveis das desigualdades sociais do Brasil, e apesar de representarem uma estratégia de sobrevivência para a maioria da população pobre, é inegável que o desenvolvimento desse tipo de habitação acarreta diversos problemas socioambientais para todos (ALVES, 2008).

De acordo com autor supracitado, no município de Sapé/PB as habitações foram sendo produzidas quase que ao “acaso” sem um mínimo de ordenamento e em diferentes direções, principalmente no período de maior crescimento urbano que ocorreu entre as décadas de 1930 e 1970, onde vários fatores ocorridos a partir do êxodo rural do município possibilitaram o surgimento de vários bairros pelo território em várias direções, gerando assim a paisagem que temos hoje.

Com relação à problemática dos aglomerados subnormais do município de Sapé, mais precisamente no bairro Mutirão II, objeto de nossa pesquisa, é notável a ausência de urbanização e atuação de políticas públicas, o que reflete na atual situação, onde a pobreza e a exclusão social são uma triste realidade.

2 As origens da cidade

Na busca das origens da cidade é necessário ter como ponto de partida o papel do homem primitivo, pois os vestígios que encontramos atualmente, como ossos, instrumentos, armas, etc. são provas de que o homem já habitava a milhares de anos atrás o que hoje conhecemos como cidade.

Segundo Mumford (2008), antes do surgimento da cidade o homem já compartilhava espaço com diversas outras espécies de animais, e a partir daí surgiram: o montão de pedras, a caverna, o esconderijo, o acampamento, a aldeia, o santuário, a pequena povoação e finalmente a cidade.

Benevolo (2009), afirma que o homem paleolítico foi criando seu abrigo num ambiente natural, usando peles de animais e pedaços de madeira, criando assim uma habitação primitiva. Através de escavações, arqueólogos fortalecem a afirmação da presença do homem primitivo em diversos lugares do mundo, foram encontrados enterrados vários resíduos da atividade humana, como restos de alimentos, produtos de pedras e madeiras, e todos em volta da fogueira, a prova da presença humana.

Em meio às diversas andanças do homem paleolítico, os mortos tiveram uma morada permanente antes mesmo dos vivos. Enterrados em cavernas, covas marcadas por pedras ou túmulos coletivos, os vivos sempre retornavam para visitar seus ancestrais, assim a cidade dos mortos tornou-se quase o núcleo, de todas as cidades dos vivos (MUMFORD, 2008).

De acordo com o autor acima citado o homem paleolítico enfrentava muitas dificuldades, o que o dificultava manter uma habitação fixa. A caça e a coleta de alimentos eram insuficientes para manter-se por muito tempo em um mesmo lugar, era necessário viver andando em pequenos grupos móveis, sem pesados objetos, procurando sua sobrevivência, ora tendo um banquete, ora passando fome.

O ambiente criado pelas sociedades neolíticas não é apenas um abrigo da natureza, mas sim uma parte da natureza que o homem transformou: terreno para produzir, depósito de alimentos para um longo período, produzir utensílios para o cultivo, criar animais, defender-se de inimigos... (BENEVOLO, 2009).

Só no período mesolítico, há quinze mil anos, foi que o homem encontrou a primeira condição de fixar habitação, pois havia suprimento alimentar amplo e seguro. A partir daí surgem os primeiros animais domésticos: porcos, galinhas, patos, gansos e o cão o mais antigo deles. E há dez ou doze mil anos iniciaram-se o plantio e a domesticação de plantas e sementes, como abóboras e os feijões, assim como a utilização de animais em rebanhos, o boi, o carneiro, o jumento e o cavalo. Com isso surge o mais importante dos acontecimentos: a domesticação do próprio homem constituindo um crescente interesse pela sexualidade e reprodução.

Com essa domesticação a mulher recebe um papel mais importante, em todos os sentidos. É ela a responsável pelos cuidados da casa e dos filhos, além de diversas atividades extras como cuidar dos animais e plantas, confeccionar recipientes, cestas, vasos de barro, etc. Nas aldeias já eram possíveis observar muitas características das pequenas cidades: grupos familiares dividindo mesma área formando a vizinhança, mas cada família com seu próprio lar, seu oratório e cemitério. Dessa forma a aldeia trouxe o embrião da cidade...

As aldeias vão expandindo-se dando lugar a cidade. Com as mudanças climáticas após o fim da era glacial, crescem em planícies, as margens dos rios ou nascentes, diversas plantas frutíferas (oliveira, videira, tamareira, figueira) e através dos rios, mares e terrenos abertos facilitam as trocas de mercadorias e de notícias. Estes ricos terrenos úmidos trazem colheitas ótimas, com isso aplicam-se e irrigam-se terrenos cada vez maiores. Surgem assim as trocas comerciais, trabalhos coletivos, aumento da produção agrícola e conseqüente aumento populacional e de produtos (BENEVOLO, 2009).

No período pré-histórico os componentes da aldeia foram transportados para a nova unidade urbana, ocorrendo o processo de urbanização, e o surgimento da cidade, trazendo consigo transformações e desenvolvimento a vida humana (MUMFORD, 2008).

Oliva (1995) define o fenômeno da urbanização pelo conjunto de vários aspectos, entre eles: o aparecimento de novas cidades, um maior crescimento da população urbana em relação à população rural, e conseqüentemente a expansão do modo de vida urbano e por fim a instalação de elementos urbanos, como energia elétrica, água e esgotos, pavimentação, estradas, escolas, hospitais, comércio, etc.

Mas a urbanização não é apenas um fenômeno de crescimento de cidades. Significa uma nova forma de vida para a humanidade. São novas relações sociais, novos comportamentos e o afastamento definitivo de uma existência ligada à natureza. Trata-se de um espaço artificial, histórico, um espaço humano por excelência, construído totalmente pelas mãos dos homens (OLIVA, 1995).

De acordo com o autor supracitado o aparecimento das primeiras cidades ocorreu há 5.500 anos. Por ser um fenômeno muito antigo fica difícil reconstituir sua história com precisão. Assim surgem muitas linhas de interpretação, vejamos as principais:

2.1 Visão Evolucionista

Segundo a visão evolucionista o surgimento da cidade foi um acontecimento quase natural. E com a descoberta da escrita e os avanços tecnológicos e na organização social, a vida urbana seria possibilitada, porém isso só foi possível em regiões onde as condições naturais eram favoráveis, com solos férteis e água em abundância (OLIVA, 1995).

O autor acima citado afirma que as primeiras cidades surgiram na Mesopotâmia, na planície entre os vales dos rios Tigre e Eufrates (no atual Iraque). E que por volta de 3100 a.C., aparecem as cidades de Tebas e Mênfis, no vale do rio Nilo (atual Egito), no vale do rio Indo (atual Paquistão) Em 2500 a.C., surgem as cidades de Mohenjo-Daro e Harappa, e no vale do rio Amarelo (atual território chinês), em 1500 a. C., encontram-se as cidades de Cheng-chou e Anyang. Além das cidades gregas (Ugarit) e romanas (Biblos), surgidas na mesma época.

Tal afirmação fortalece a ideia de que foi ao redor de solos férteis e muita água que surgiram as primeiras cidades. Quando o homem era nômade e não possuía habitação fixa, ele enfrentava diversas dificuldades, e uma delas era justamente a falta de alimento e água.

2.2 Visão Materialista

De acordo com a visão materialista o surgimento da cidade só aconteceu quando a capacidade produtiva do campo gerou excedentes alimentares, que através de organizações sociais gerou relação de dominação de alguns habitantes sobre os outros, e assim transferiu o suprimento alimentar do campo para a cidade. Assim a cidade é resultado de luta pela sobrevivência material, gerando desigualdade social (OLIVA, 1995).

Benevolo (2009) afirma que no início do surgimento do homem na face da terra há 50.000 anos, ele viveu num ambiente natural, retirando da natureza apenas o necessário para sua sobrevivência, sem fazer grandes modificações. Com o fim da era glacial, o homem começa aprender a produzir seu próprio alimento, através do cultivo de plantas e domesticações de animais. Assim surgem as primeiras habitações fixas e as primeiras aldeias.

De acordo com o autor acima citado após 5.000 anos as aldeias transformam-se em cidades, acomodando uma população de profissionais: artesãos, mercadores, guerreiros, sacerdotes, etc. Com isso os produtores de alimentos são obrigados a produzir alimentos em grande quantidade para manter essa população.

2.3 Visão Culturalista

A visão culturalista afirma que o embrião da cidade surgiu a partir do desenvolvimento de características culturais de grupos de pessoas. As pessoas tornavam alguns lugares sagrados como templos, cavernas e túmulos, fazendo rituais e esses locais viravam pontos de visita, encontros e referência surgindo assim o início da cidade (OLIVA, 1995).

Segundo Mumford (2008), a cidade surgiu como um local sagrado, pois os túmulos e antigos santuários eram lugares onde as pessoas retornavam com frequência para realizar cerimônias e rituais. Assim após a pequena povoação surgiu o santuário em seguida a aldeia e logo depois a cidade.

“Nesses antigos santuários paleolíticos, como nos primeiros túmulos e montes sepulcrais, encontramos se existem, os primeiros indícios de vida cívica, provavelmente muito antes de poder sequer suspeitar-se de qualquer agrupamento permanente em aldeias (MUMFORD, 2008)”.

De acordo com o autor acima citado as pessoas de regiões mais distantes juntaram-se com esses novos agrupamentos urbanos, com diferentes raças, culturas, tradições tecnológicas e línguas, e se misturaram, ocorrendo assim as diferentes miscigenações existentes no mundo hoje.

3 Urbanização brasileira

O processo de urbanização não é fenômeno recente. Durante séculos o Brasil como um todo era um país agrário, um país essencialmente agrário. Porém é a partir do século XVIII quando a urbanização se desenvolve e “a casa da cidade torna-se a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, bem como os barões do café, que só vão a sua propriedade rural no período do corte e da moenda da cana” (SANTOS, 2008).

De acordo com o autor supracitado foi necessário ainda mais um século para que a urbanização atingisse sua maturidade, no século XIX, e ainda mais um século para adquirir as características com as quais conhecemos hoje. Percebe-se então uma forma lenta. Fatores importantes para a evolução desse processo foram a expansão da agricultura comercial e as explorações minerais, foram a base de um povoamento e criação de riquezas no surgimento das cidades do litoral ao “*hinterland*”.

Entre 1940 e 1980, dá-se verdadeira inversão quanto ao lugar de residência da população brasileira. Há meio século atrás (1940), a taxa de urbanização era de 26,35%, em 1980 alcança 68,86%. Nesses quarenta anos, triplica a população total do Brasil, ao passo que a população urbana se multiplica por sete vezes e meia. Hoje, a população urbana brasileira passa dos 77%, ficando quase igual a população total de 1980 (SANTOS, 2008, p.31).

De acordo com IBGE (2004), no ano 2000 o Brasil era o 5º maior país em população e território, tendo 169,8 milhões de habitantes, durante um longo período o Brasil manteve elevadas taxas anuais de crescimento demográfico, porém essas taxas começaram a diminuir com o decorrer do tempo. Observe o gráfico abaixo:

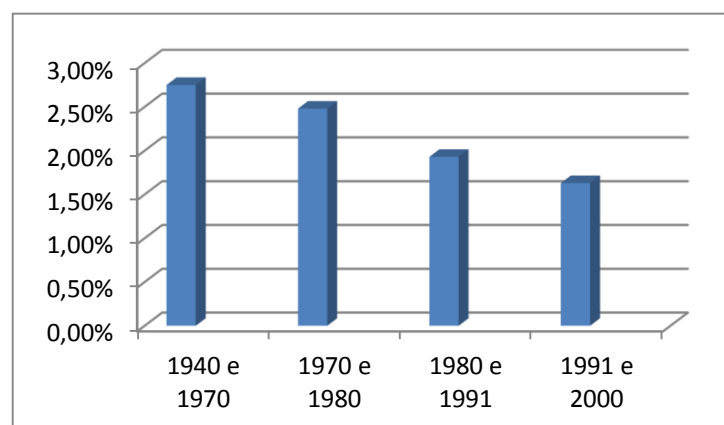


Gráfico 01: Crescimento demográfico da população brasileira
Fonte: IBGE, (2004).

O censo demográfico de 2010 indica que o Brasil tem 190.732.694 de pessoas em 1º de agosto, data de referência. Em comparação com o Censo 2000, ocorreu um aumento de 20.933.524 de pessoas (IBGE, 2010).

Villaça (2003) afirma que a urbanização brasileira vem sendo encarado de um ponto de vista estatístico-demográfico e econômico, assim o principal problema enfrentado pelos brasileiros, são os problemas urbanos, que eram vistos como algo que tinha a ver com o espaço, no caso o espaço urbano e mais precisamente as grandes cidades, porém esses problemas hoje se manifestam nos mais variados tamanhos de cidades, desde as de pequeno e médio porte até as metrópoles. Tendo em vista que a maior parte da população hoje é urbana. Ver gráfico 2:

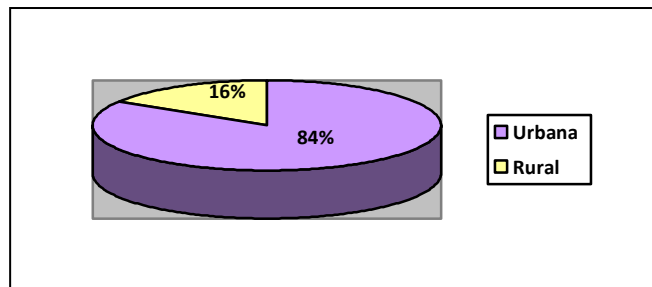


Gráfico 02: Distribuição da população Brasileira:
Fonte: IBGE, (2010).

3.1 A crise habitacional brasileira

Uma das formas da classe trabalhadora resolver seu problema de morar é comprando lotes de terras em áreas periféricas pobres e geralmente em loteamentos clandestinos, em consequência dos seus baixos salários, só é possível pagar um lote nesses lugares (RODRIGUES, 2003).

De acordo com a autora supracitada de alguma maneira é preciso morar. Seja no campo, na pequena cidade, na metrópole, enfim é necessário ter um lugar para abrigar-se, pois, assim como vestir e alimentar-se, morar é uma das necessidades básicas do indivíduo. As habitações apenas mudam as características, mas sempre é preciso morar, pois é impossível viver sem ocupar espaço.

No conjunto das cidades, a maior parte das edificações – cerca de 70% - correspondem às unidades habitacionais. A produção destas unidades pode ter sido realizada no circuito imobiliário urbano, que representa a produção tipicamente capitalista (RODRIGUES, 2003, p.23).

Para Santos (2008), todas as cidades brasileiras possuem problemas parecidos, como falta de emprego, habitação, transportes, lazer, água, educação saúde... Enfim a diferença esta apenas em seu tamanho, região localizada, tipo de atividade, etc. Quanto maior a cidade mais esses problemas tornam-se visíveis, e na medida em que ela vai diminuindo diminui também sua diversidade e ecologia social.

A cidade em si, como relação social e como materialidade, torna-se criadora da pobreza, tanto pelo modelo socioeconômico, de que é suporte, como por sua estrutura física, que faz dos habitantes das periferias (e dos cortiços) pessoas mais pobres (SANTOS, 2008, p.10).

Alves (2008) afirma que a crise habitacional brasileira foi vista de maneira mais efetiva em relação à produção de moradias, a partir de instalação do governo da ditadura militar após 1964. Porém antes de ser uma iniciativa para diminuir o déficit habitacional, tinha como finalidade, entre outras causas, diminuir as tensões sociais nas áreas urbanas, ou seja, o maior interesse era político.

A cidade brasileira é hoje o país, pois a face brasileira esta estampada nas suas cidades, seja através das potencialidades, dos avanços e principalmente dos problemas. Nossas cidades hoje são o local da injustiça social e da exclusão, pois são nelas que estão concentradas a marginalidade, a violência, a baixa escolaridade, a precária saúde, as péssimas condições habitacionais e de transportes e o meio ambiente degradado (VILLAÇA, 2003).

4 Origens das favelas no Brasil

A origem do nome “Favela” vem da Guerra de Canudos, o povoado de Canudos no interior do estado Bahia, foi construído próximo de alguns morros, um deles era o Morro da Favela que tinha este nome devido à vegetação predominante no local, que era a Favela (*Cnidoscolus quercifolius*), uma planta típica da caatinga, muito resistente à seca. Quando os soldados da Guerra de Canudos retornaram ao Rio de Janeiro, deixaram de receber o soldo (salário). Sem condições financeiras instalaram-se em morros, assim esses morros ficaram conhecidos como Morro das Favelas (www.favelaeissoai.com.br).

A partir da década de 20 as habitações de barracos que surgiam nos morros do Rio de Janeiro passaram a chamar-se de favelas. O início das favelas no Rio de Janeiro está relacionada com o fim da escravidão, no século XIX quando muitos escravos libertos se deslocaram para a então capital federal fixaram-se informalmente em locais sem infraestrutura. Nos séculos XX e XXI aumentou a quantidade de favelas devido à pobreza, déficit habitacional e migrações de regiões rurais do Nordeste (www.almacarioca.com.br).

De acordo com Rodrigues (2003), as primeiras aglomerações subnormais surgiram no Rio de Janeiro após a Guerra de Canudos e em São Paulo por volta da Segunda Guerra Mundial. Porém elas tornam-se mais “visíveis”, a partir da expansão do processo de Industrialização-Urbanização, e a partir da década de 50 elas são vistas como “problema”.

Problemas como: locais de marginais (é preciso acabar com as favelas para acabar com os marginais); local onde se consegue votos (tem que visitar os favelados, fazer-lhes promessas e tratá-los iguais aos outros cidadãos porque eles também votam); é preciso treina-los e educa-los para integrá-los no meio urbano (devido ao processo de migração eles ainda estão se integrando no meio urbano com isso criam um lugar parecido com o campo, eles têm que habituar-se a morar em casa de alvenaria, utilizar os serviços que a cidade oferece e conseqüentemente integrar-se no mercado de trabalho) (RODRIGUES, 2003).

De acordo com a autora acima citada a favela surge da necessidade de onde e de como morar. Muitas vezes não sendo possível comprar casa pronta, nem um terreno para construir, devido às más condições financeiras, e tendo que se buscar uma solução, essa solução para alguns é a favela. Elas são para a população estratégias de sobrevivência, pois muitas vezes é sua única opção.

A favela caracteriza-se por ser uma ocupação individual e cotidiana, ou seja, aqueles que não têm onde morar procura um lugar para instalar-se com sua família. As famílias que não podem pagar aluguel ou comprar uma casa/terreno unem-se e buscam uma solução (RODRIGUES, 2003, p. 43).

Maricato (2003) afirma que a evolução das favelas acompanhou o processo de urbanização da sociedade brasileira, que foi determinada pela reprodução da força de trabalho. Pois na sociedade escravocrata a moradia do trabalhador assim como seus itens de subsistência, era de responsabilidade do proprietário. A partir da abolição o trabalhador ficou responsável pela sua própria moradia, passando a ser assalariado, e formando o mercado urbano de moradias.

Segundo a autora supracitada melhor solução para acabar com os problemas das favelas, seria remoção dos moradores para novas localizações, porém os dados quantitativos mostram que isso é impossível:

Na bacia do Guarapiranga, manancial de água que serve a 1/3 da população do município de São Paulo, moram mais de 600.000 pessoas. No outro manancial, localizado também na região do município, a bacia Billings, mora mais de 750.000 pessoas. Nas favelas de São Paulo moram aproximadamente 2 milhões de pessoas. Em capitais mais pobres, onde o problema de saneamento é mais crítico, como Belém, Maceió, Recife, São Luís, os problemas são proporcionalmente maiores (MARICATO, 2003, p.83).

Assim depois de conhecer essa realidade a remoção foi substituída pela urbanização das favelas. Ocorrendo essa mudança nos anos 80, quando os governos municipais perceberam que era mais viável economicamente, pois o custo da urbanização por cada família custa entre 10% a no máximo 50%, o preço de uma nova moradia (MARICATO, 2003).

Para Alves (2008) as aglomerações habitacionais subnormais são um dos problemas mais visíveis da desigualdade social no Brasil. Elas representam estratégias de sobrevivência da população pobre e ao mesmo tempo trás diversos problemas socioambientais, pois a falta de infraestrutura é responsável por muito mal que afeta a população favelada.

É fácil constatar a falta de condições sanitárias, do esgotamento sanitário, de condições ideais de acondicionamentos do lixo produzido, inexistência de coleta de lixo, de urbanização e pavimentação das ruas dos aglomerados, entre outras coisas. As maiores vítimas das doenças adquiridas pela falta de condições higiênicas adequadas nos aglomerados subnormais são sempre as crianças (ALVES, 2008, p.20).

Santos (2008) afirma que o poder público exerce um papel extremamente ativo na produção da cidade, pois através do capitalismo a cidade do capital concorrencial cede lugar ao monopólio, e que através das obras públicas beneficiam uma parcela considerável da população e muitas empresas. Porém ele torna-se o principal criador dos problemas habitacionais, estimulando a especulação e diminuindo os espaços vazios dentro das cidades.

“... incapaz de resolver o problema da habitação empurra a maioria da população para as periferias; e empobrece ainda mais os mais pobres, forçados a pagar caro pelos precários transportes coletivos e a comprar caro bens de consumo indispensável e serviços essenciais que o poder público não é capaz de oferecer” (SANTOS, 2008, p.123)

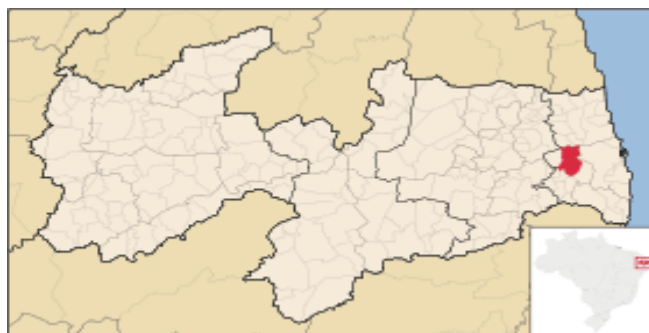
5 Caracterização Geográfica da Área

Segundo o IBGE (2010), o estado da Paraíba possui uma população de 3.766.528 habitantes, uma área de 56.469,466 km² e densidade demográfica de 66,70 (hab./km²). Com 223 municípios a capital do estado é a cidade de João Pessoa.



Mapa 01: Localização geográfica do estado da Paraíba
Fonte: <http://www.resortsonline.com.br>

O município de Sapé está situado na mesorregião da Mata Paraibana na microrregião de Sapé, possui uma área de 315,531km² e uma densidade demográfica de 158,92 (hab./km²), está distante 46 km da capital do estado, João Pessoa (IBGE, 2010).



Mapa 02: Localização geográfica do município de Sapé.
Fonte: <http://www.wikipedia.org>

O município localiza-se a 07°05'38" **S**, em uma inserção com o meridiano de 35°13'58" **W**, fazendo limites ao Norte com Cuité de Mamanguape e Capim, ao Sul

com Sobrado e Riachão do Poço, a Oeste com Mari e a Leste com Cruz do Espírito Santo (ELIAS, 2006).

5.1 Antecedentes Históricos

A palavra Sapé vem do tupi-guarani EÇA-PÉ que quer dizer “o que alumia o caminho”. O lugar onde é hoje o município de Sapé foi habitado pelos índios Potiguaras no período pré-colonial. Em meados de 1831 quando o nosso estado era a Província da Paraíba, Sapé ainda não era núcleo habitacional, nessa época eram construídos casarões cobertos com capim sapê na zona oeste do município de Pilar que pertencia a Comarca da Paraíba (capital da província) (ELIAS, 2006).

O autor acima citado afirma que o território do atual município de Sapé é resultado da junção das áreas de Sobrado e de Cachoeira, pertencente à antiga comarca de Mamanguape.

Os primeiros habitantes surgiram das localidades de Pedras de Fogo, Guarabira, Mamanguape e Pilar. Cabe ao português Manuel Antonio Bernardes a prioridade de ser um dos fundadores da localidade. Merece destaque, também, Manoel Antonio Fernandes e Simplício Alves Coelho, tendo sido os construtores da primeira capela (IBGE, 2010).

Em meados de 1882 chega à estrada de ferro “Great Western” implantada pelos ingleses, e com isso surge à edificação do povoado de Sapé, a sua primeira construção foi a Estação Ferroviária. Em 7 de setembro de 1883 chega o primeiro trem da “The Conde d’Eu Railway Company Limited” e com isso surge de fato o povoado de Sapé (ELIAS, 2006).



Foto 01: Antiga Estação Ferroviária Sapé-PB.
Fonte: ROCK, 2007.



FOTO 02: Trem Maria Fumaça que passava em Sapé na década de 40.
Fonte: ROCK, 2007

Com o avanço dos trilhos da Estrada de Ferro "Great Western", em 1802, rumo ao Estado do Rio Grande do Norte, inaugurou-se a estação. Após esse empreendimento, outras construções foram surgindo e incrementando a formação do povoado. A autonomia política de Sapé foi alcançada em 1925 (IBGE, 2010).

Segundo Maia (1985), em 1925 o presidente João Suassuna instalava o município de Sapé, pela lei nº 627 de 1º de dezembro de 1925. Sendo o primeiro prefeito Gentil Lins C. de Albuquerque 31/12/1925 a 04/01/1929.

5.2 Aspectos Naturais

O município de Sapé está inserido na unidade Geoambiental dos Tabuleiros Costeiros. Esta unidade acompanha o litoral de todo o nordeste, apresenta altitude média de 50 a 100 metros. Compreende platôs de origem sedimentar, que apresentam grau de entalhamento variável. De modo geral, os solos são profundos e de alta fertilidade natural (CPRM, 2005).

O relevo apresenta altitudes em torno de 100 m acima do nível do mar, com ondulações resultando uma sucessão de colunas rasas, possuindo 10% de planícies, 53% elevações suaves, 30% terrenos ondulados, 5% com fortes ondulações e 2% de área montanhosa. O solo tem terrenos 10% arenoso, 5% argiloso, 30% argiloso-arenoso, 50% areno-argiloso e 5% argilo-humoso (ELIAS, 2006).

O clima é do tipo tropical quente e úmido, com verão seco, sendo que o período chuvoso no outono e inverno (clima As' na classificação de W. Köppen),

tendo início em março e término em setembro. A precipitação média anual é de 1.634,2 mm. A vegetação é predominantemente do tipo floresta subperenifólia, com partes de floresta subcaducifólia e cerrado/ floresta, já bastante alteradas (CPRM, 2005).

Sua vegetação conta ainda com espécies de pau-d'arco-amarelo, timbaúba, catolé e outras, porém a maioria foi substituída pela pecuária, agricultura de subsistência e culturas temporárias como a cana-de-açúcar e abacaxi. Há também resquício de Floresta Atlântica a exemplo da mata de Pacatuba com uma área de RPPN (Reserva Particular de Preservação Nacional) de 266,53 ha, localizada em Sapé (ELIAS, 2006).

6 Economia do município de Sapé

Segundo Elias (2006) a principal fonte econômica do município é a agricultura onde se destaca a produção de cana-de-açúcar e abacaxi. Existem também outras culturas importantes como o coco-da-baía, laranja, batata-doce, fava, mandioca, milho e o inhame.

Observe a tabela abaixo da renda gerada pelo Produto Interno Bruto (PIB) do município de Sapé em 2009.

Tabela 01: PIB do município de Sapé em 2009.

Sapé – PB		
Produto Interno Bruto – 2009		
Valor adicionado bruto da agropecuária a preços correntes	26.984	mil reais
Valor adicionado bruto da indústria a preços correntes	42.831	mil reais
Valor adicionado bruto dos serviços a preços correntes	158.806	mil reais
Impostos sobre produtos líquidos de subsídios a preços correntes	14.330	mil reais
PIB a preços correntes	242.951	mil reais
PIB per capita a preços correntes	5.095,23	mil reais

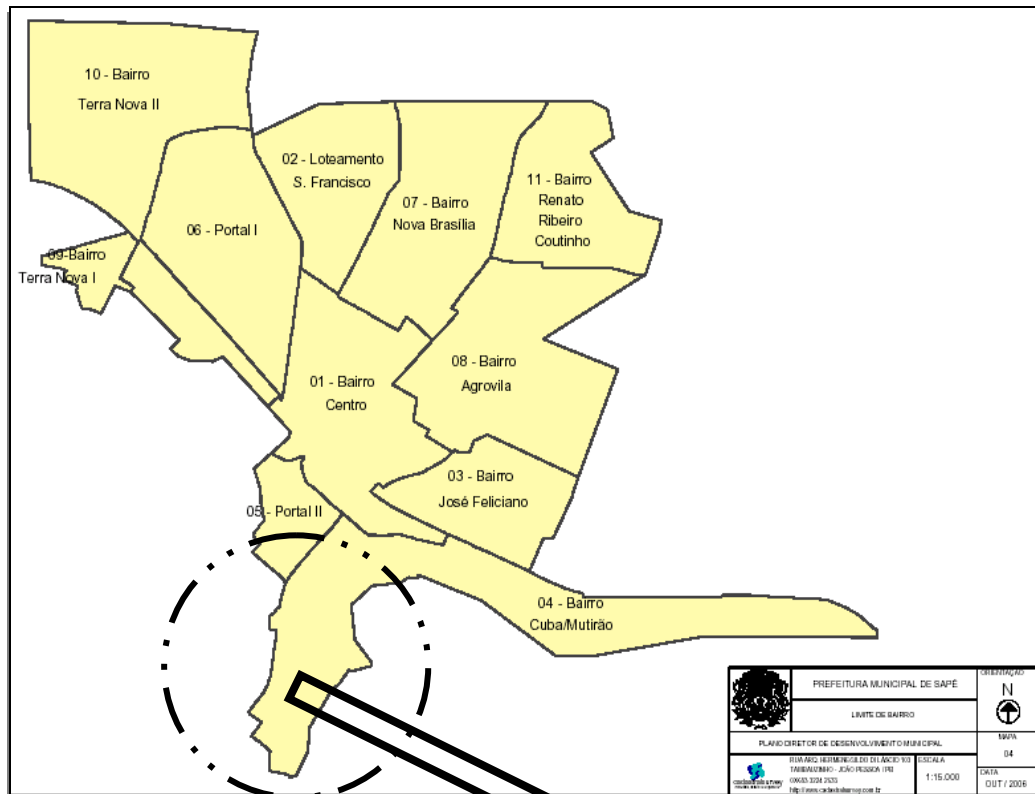
Fonte: IBGE, 2010.

Segundo Silva (2010) a economia sapeense atingiu seu auge com a produção da cana de açúcar, onde era utilizado pela Usina Santa Helena que produzia açúcar e melaço (uma espécie de mel adocicado que era exportado pelo porto de Recife com destino a outras regiões do país). Em 1973 com a crise internacional do petróleo surge o programa do governo federal Proálcool, assim a usina adaptou-se ao novo estilo de economia e montou a destilaria para produção do álcool com tecnologia moderna, contribuindo para o aumento do desemprego estrutural.

De acordo com Elias (2006) a produção média anual da Usina Santa Helena era de aproximadamente 800 mil sacos de 60 kg de açúcar e 12 milhões de litros de álcool, o que gerou em média 15 milhões de litros no ano de 1984. Ela era a maior do estado, gerava 1.900 empregos, suas terras compreendiam 16 fazendas com 18.700 hectares. Contava ainda com 9 médicos, 2 dentistas e 2 ambulâncias, além de distribuir medicamentos e escolas gratuitos para todas as fazendas.

Outra cultura bastante importante para município foi a do “abacaxi” que na década de 70 e 80 tornou Sapé um destaque no Brasil e no mundo, tendo como principais produtores, Zé de Neves, Egídio, Benedito e Abel Carneiro. O fruto era exportado para Argentina, Canadá, Estados Unidos e União Soviética. A cultura do abacaxi entrou em declínio devido à estiagem prolongada, que fez com que a maioria dos pequenos produtores abandonasse a cultura, pois não tinham condições de usar irrigação, impossibilitando-os de competir com os produtores de maior porte (SILVA, 2010).

7 Histórico da comunidade Mutirão II



Mapa 03: Delimitação dos bairros em sapé atual
Fonte: Prefeitura Municipal de Sapé, 2007.

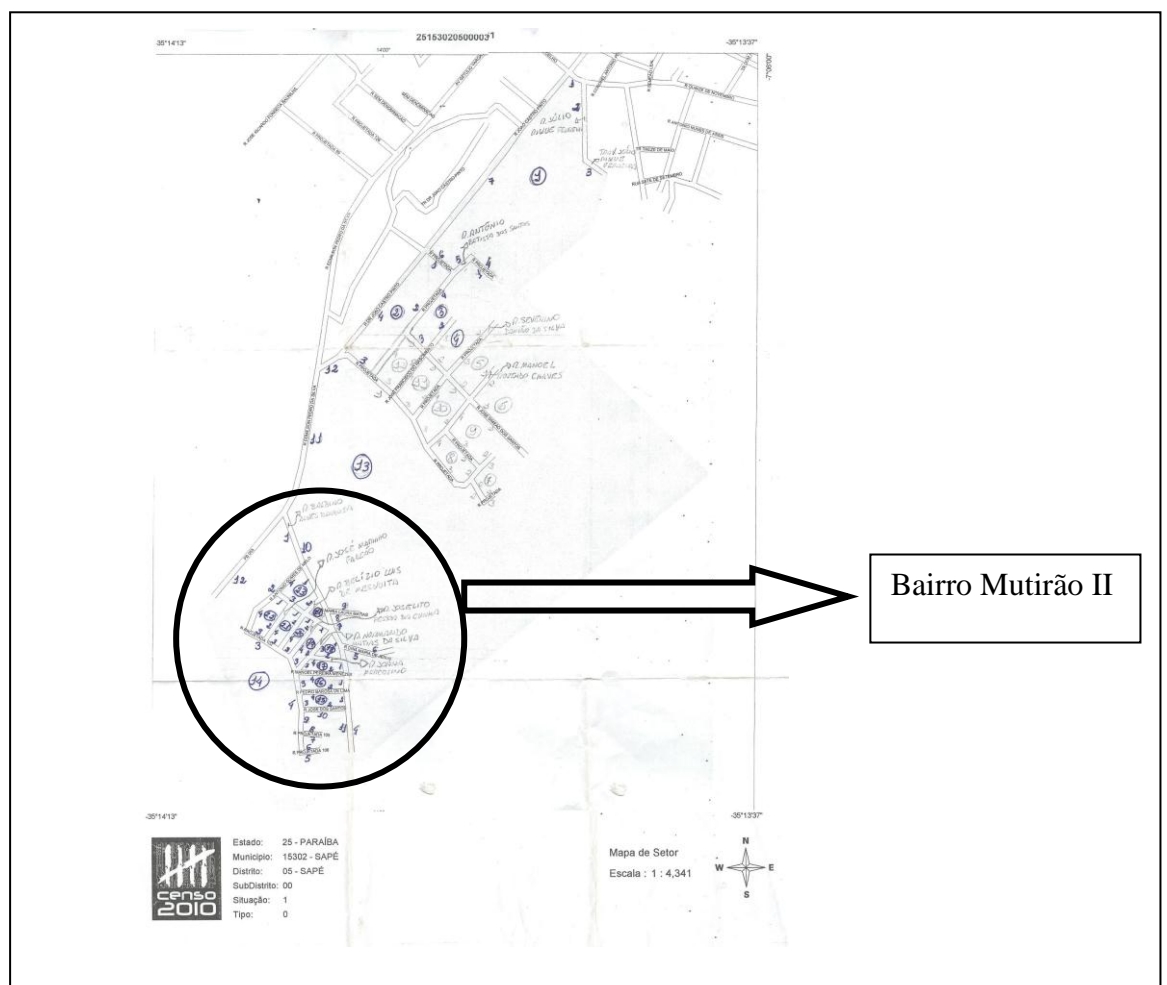
Mutirão II

O bairro Mutirão II de acordo com dados registrados na Secretaria de Obras do município, surgiu em 1986 através de um projeto habitacional, de **investimento-trabalho** realizado pelo governo federal em parceria com os municípios. O governo ficava responsável pelos terrenos, enquanto os municípios com a mão de obra e com os materiais de construção, por isso só foi possível realizar o projeto nas cidades onde os gestores se comprometessem com essa tarefa.

O então prefeito José Feliciano Filho reuniu um mutirão de pessoas para construção dessas casas, surgindo assim o nome do bairro. As poucas casas construídas foram distribuídas para a classe pobre da população que foi cadastrada, porém muitas pessoas carentes ficaram sem teto, e como ainda havia terreno no bairro, elas deslocaram-se para a comunidade e construíram suas habitações de forma aleatória, e de acordo com suas condições surgindo assim casas de taipa e barracos de lona.

Localizado as margens da PB 055 na saída da cidade de Sapé - Sobrado o bairro possui um relevo bastante acidentado e fica distante do centro da cidade aproximadamente 4 km, o que segundo alguns moradores da comunidade foram os principais motivos do local estacionar, ou seja, praticamente parar no tempo, pois desde sua construção há 26 anos os governantes que passaram fizeram apenas uma escola e um posto de saúde municipal.

7.1 O bairro Mutirão II nos dias atuais



Mapa 04: Setor 31 da cidade de Sapé onde se localiza o bairro Mutirão II

Fonte: IBGE, 2010.



Mapa 05: Divisão por quadras da comunidade Mutirão II

Fonte: IBGE, 2010.

Em trabalho realizado no ano de 2010 como recenseadora do censo populacional do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) tive a oportunidade de vivenciar a dura realidade enfrentada por aquela comunidade. É um bairro constituído por pessoas bastante pobres, famílias numerosas e muitos desempregados, a maioria das famílias sobrevive apenas com a renda da Bolsa Família, muitos sem emprego fixo fazem bicos para sustentar seus filhos.

Existem aproximadamente 250 casas na comunidade, das quais 5 % são de taipa e o restante de alvenaria, é um local totalmente precário em infraestrutura, existindo apenas uma escola e um posto de saúde, as ruas não são pavimentadas, as habitações são precárias, não possui esgotos e a distribuição de água e energia elétrica não é distribuída a toda comunidade, pois alguns não têm condições de pagar pelos serviços, o que os tornam obrigados a utilizar o meio clandestino.

Devido à falta de saneamento básico os dejetos e lixos são jogados diretamente nas ruas, surgindo muitos mosquitos que provocam várias doenças, principalmente nas crianças, micoses, alergias, viroses e problemas de respiração.

O carro passa recolhendo o lixo três vezes na semana, mas muitos moradores queimam seus lixos em quintais ou terrenos baldios.

Algumas habitações da localidade são tão precárias que não tem nem banheiro, nem fossa séptica, os moradores improvisam banheiros à céu aberto com palhas de bananeiras e com lonas.

Na localidade não há nenhum projeto de incentivo aos jovens em termo de capacitação profissional, o que o torna conhecido na cidade como um local violento onde possui usuários de drogas, jovens desempregados e sem perspectiva nenhuma de mudança de vida.

A saúde local é atendida por um posto de saúde PSF, que funciona das 7 da manhã as 16 h, com atendimento médico de segunda a quarta-feira e dentista de segunda a quinta-feira, no posto não possui nenhuma ambulância quando os moradores precisam de remoção até o hospital da cidade há uma necessidade de utilizar transportes particulares. A comunidade possui duas agentes de saúde, que visitam as famílias constantemente e auxiliam nas marcações de consultas e entregas de remédio.

Em pesquisa realizada através de questionário aplicado a 25 moradores adultos da comunidade o que corresponde a 10%, 20 mulheres e 5 homens, foi possível constatar que:

A maioria dos moradores vivem no bairro a mais de 5 anos. Observe o gráfico a seguir:

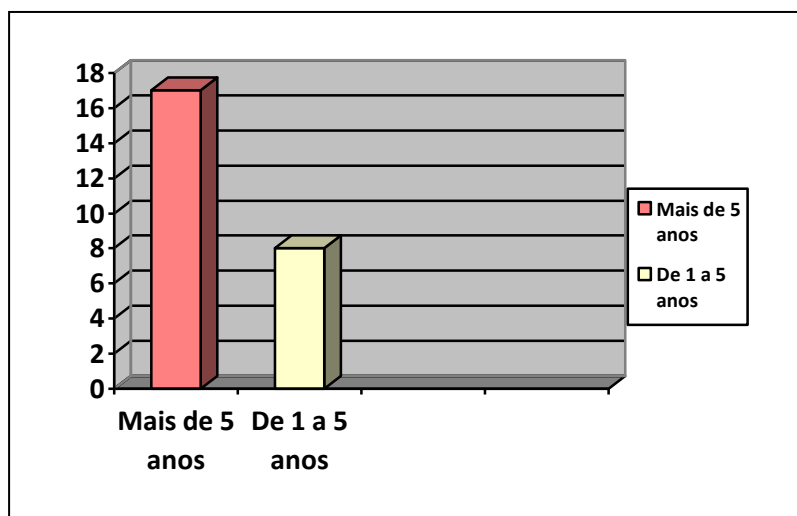


Gráfico 03: Tempo que reside no bairro:
Fonte: Pesquisa in loco Autora – outubro/ 2012.

Em relação às características das residências, quantidades de pessoas por casa e distribuição de água e luz obtiveram as seguintes respostas que estão distribuídas no gráfico a seguir:

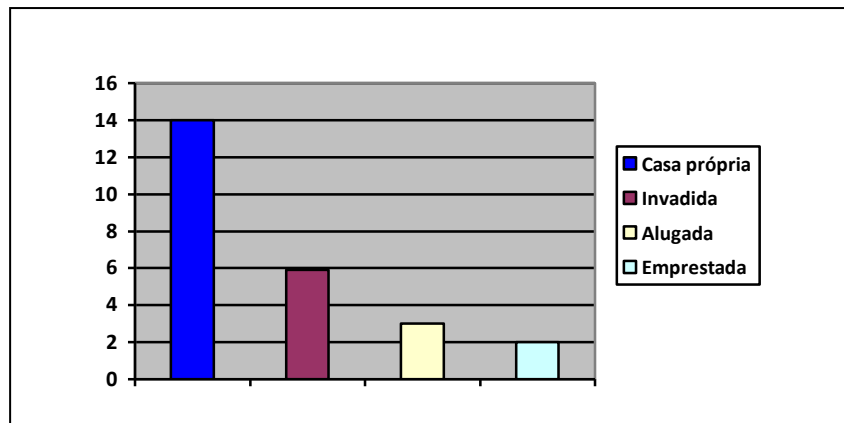


Gráfico 04: Características das residências:

Fonte: Pesquisa in loco Autora – outubro/ 2012.

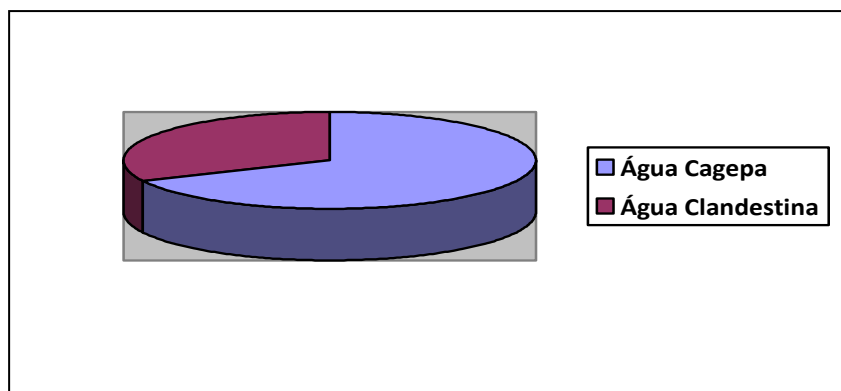


Gráfico 05: Distribuição de água

Fonte: Pesquisa in loco Autora – outubro/2012

:

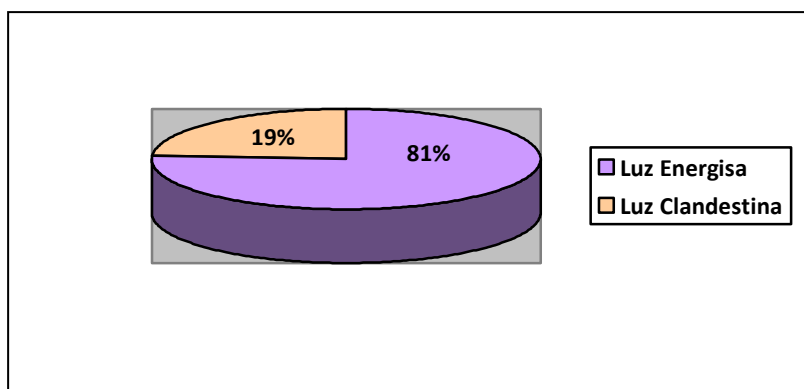


Gráfico 06: Distribuição de energia elétrica
Fonte: Pesquisa in loco Autora – outubro/2012

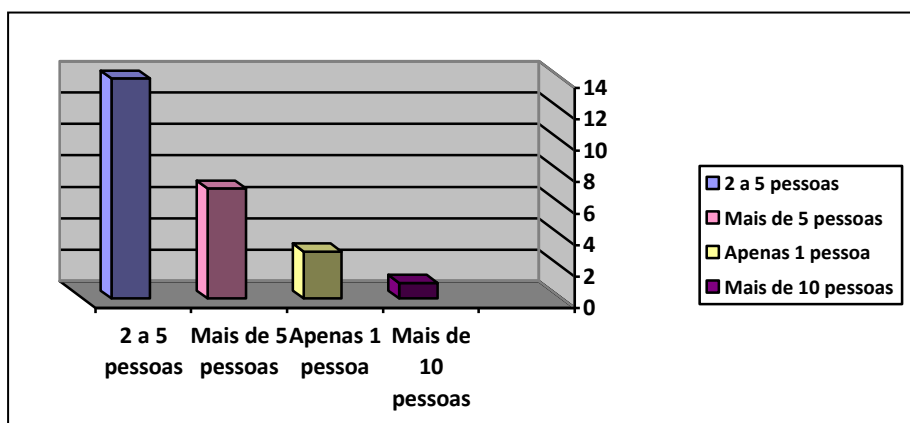


Gráfico 07: Quantidade de pessoas por residências:
Fonte: Pesquisa in loco Autora – outubro/2012

Estes gráficos demonstram que o Mutirão II é formado por pessoas que vivem lá há alguns anos, famílias numerosas e pobres, a prova disto é a quantidade de casas que utilizam água e energia elétrica clandestina.

Na época da construção do bairro as famílias que não foram incluídas no cadastro invadiram o terreno que era da prefeitura e construíram suas próprias casas, de taipa ou lona, no final do bairro, hoje a direita dessa área possui um campo de futebol improvisado criado pelos próprios moradores, muitas famílias já conseguiram fazer suas casas de alvenaria outros não, ainda tem em média 10 casas de taipa e uma de lona, como esses terrenos foram invadidos receberam o nome de “quilombo” pelos moradores e é conhecido assim até hoje.

Observando a pesquisa realizada é possível perceber que as famílias mais numerosas e mais pobres estão situadas no quilombo, é lá também onde existe o uso clandestino de água e luz, não porque querem, mas porque eles não têm condições de pagar.

Durante a aplicação do questionário em conversa com uma das agentes de saúde da localidade fui informada que há poucos dias a empresa de distribuição de energia elétrica Energisa soube da clandestinidade e foi até o local desligar a energia das famílias e levou até a fiação elétrica.

8 Considerações finais

O conteúdo abordado no referido trabalho sintetiza uma dinâmica da ocupação do solo urbano, tendo em ênfase as relações sociais e classes de poder. Através dele é possível perceber como uma atuação do poder público por menor que seja pode fazer toda diferença para qualidade de vida da população.

Com a presente pesquisa constatou-se a problemática da pobreza de um bairro carente de tudo, ocasionado pela falta de atuação pública no local. O poder público deu o primeiro passo há alguns anos atrás quando iniciou a edificação de algumas casas, porém seus sucessores não deram continuidade, e conseqüentemente o local estacionou, parou no tempo.

Infelizmente desde seu surgimento o bairro Mutirão II continua o mesmo, as poucas casas que aumentou no local surgiu a partir da iniciativa dos próprios moradores, os governantes não procuram trazer nenhuma mudança para aquele local.

A pobreza é um dos fatores muito visível na localidade, muitas famílias não têm condições mínimas de sobrevivência e são muito numerosas, as taxas de crescimento demográfico aumenta ainda mais a miséria. O analfabetismo é comum na comunidade, o que dificulta muito na hora de conseguir um emprego, por isso há muitos desempregados.

Apesar das péssimas condições locais nenhum governante demonstra interesse em mudar essa realidade, na Prefeitura e na Câmara de Vereadores não há nenhum projeto, debates ou ideias voltadas para a referida comunidade. Nas épocas de campanhas eleitorais são poucos os candidatos que se atrevem ir até lá, pois sabem que não serão bem recebidos. A revolta é grande por parte dos moradores, pois não é fácil ver toda cidade crescer, evoluir, e o referido bairro continuar na mesma, sem nenhuma esperança de mudança.

A justificativa encontrada entre o poder local para o esquecimento do local foi o fato de seu relevo ser bastante acidentado, por esse motivo eles afirmam que o bairro não evoluiu mais. Porém em frente ao bairro Mutirão II está sendo edificado um novo loteamento na cidade por parte de empresa privada juntamente com a Prefeitura, onde está sendo investidos milhões em saneamento e urbanização e os lotes estão sendo vendidos as pessoas que possuem um satisfatório poder aquisitivo.

Portanto observa-se que são às condições sociais que faz as autoridades não querer investir no local, pois jamais as pessoas da classe média sapeense como comerciantes, bancários, funcionários públicos municipais e estaduais, iriam querer ser vizinhos de pessoas pobres e analfabetas.

Enfim as condições sociais do bairro Mutirão II mostra como uma grande parcela da população brasileira mais precisamente sapeense vive sem o mínimo de direito a cidadania, excluídos de direitos básicos como: habitação, segurança, emprego, saneamento básico e lazer. E ainda sofrendo preconceito por viverem em condições sub-humanas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edivaldo Miguel. **Expressões da Pobreza e Exclusão: Um estudo da comunidade Várzea do Rato, Sapé - PB**. Monografia apresentada ao curso de especialização em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades “Osmar de Aquino” – Campus III, sob orientação do professor Anderson Alves dos Santos. Guarabira-PB, 2008, p.19-20.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço e Indústria**. 7ªed. São Paulo: Contexto, 1997.

CPRM – Serviço Geológico do Brasil. Diagnóstico do Município de Sapé, Estado da Paraíba/ Organizado por: **BELTRÃO, B.; A. MORAIS, F. MASCARENHAS, J.; C. MIRANDA, J.; L.; F. JUNIOR, L.; C.; S. MENDES, V.; A.** Recife, 2005.

Elias, José Cláudio Pereira. **Eça-Pé = Sapé: Homenagem a minha terra**. João Pessoa: Sal da Terra, 2006.

GALINA, M.; H.; TROPPEMAIR, H.; VERONA, J. ; A. Os desafios Urbanos: O planejamento, a Gestão, a (auto) Gestão pública e Uma Nova Forma de Segregação Sócio-Espacial nas Cidades Brasileiras: Os Espaços Urbanos Fechados. Espaço em Revista-Geografia/UFG-Catalão/GO. Volume 6 (1): p. 17-25-ano 2004.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2004.

MAIA, Sabiniano Alves do Rego. **Sapé: Sua história, suas memórias**. 1883-1985. João Pessoa, 1985.

MARICATO, Ermínia. **Conhecer para resolver a Cidade Ilegal**. In: **CASTRIOTA**, Leonardo Barci. **Urbanização Brasileira: Redescobertas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas**. 5ª ed. São Paulo: Martins fontes, 2008.

OLIVA, Jaime; Giansanti. **Espaço e Modernidade: temas da geografia mundial**. São Paulo: Atual, 1995.

ROCK, Felipe, 2007

RODRIGUES, Arlete Moysés. **Moradia nas Cidades Brasileiras**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. 5° ed. São Paulo: Edusp, 2008, p.19-31.

SILVA, Alexandre Sousa da. **Urbanização Desordenada de Sapé-PB: (Um caso típico da comunidade Cuba de Cima e Cuba de Baixo)**. Monografia apresentada à Universidade Estadual da Paraíba. Centro de Humanidades “Osmar de Aquino” – Campus III, sob orientação do professor Ms. Robson Pontes Freitas de Albuquerque. Guarabira-PB, 2010, p. 15-16.

SILVA, José Afonso da. **Direito Urbanístico Brasileiro**. 2° ed. São Paulo: Malheiros, 1997.

VILLAÇA, Flávio. **A recente urbanização brasileira**. In: **CASTRIOTA**, Leonardo Barci. **Urbanização Brasileira: Redescobertas**. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.

www.almacarioca.com.br Acesso em:17/08/2012, 19:24 hs

www.favelaeissoai.com.br Acesso em:16/08/2012, 21:04 hs

www.resortsonline.com.br Acesso em:04/07/2012, 15:12 hs

www.wikipedia.org Acesso em:24/05/2012, 22:12 hs

YÁZIGI, Eduardo. **Funções Culturais da MetrÓpole: Metodologia sobre a Requalificação Urbana do Centro de São Paulo**. In: **CARLOS**, A. F. A. e **CARRERAS** (orgs). **Urbanização e Mundialização: estudos sobre a metrÓpole**. São Paulo: Contexto, 2005. V. 4. p. 81-87.

Apêndice

APÊNDICE A**MODELO**

Questionário

1) Nome do entrevistado (a):

Sexo: () Masculino

() Feminino

Idade: _____

2) Tempo em que reside no bairro Mutirão II:

() Menos de 1 ano

() De 1 a 5 anos

() Mais de 5 anos

() Outros

3) Sua residência é:

() Própria

() Alugada

() Emprestada

() Outros

4) Possui água encanada?

() Sim da CAGEPA

() Sim de poço

() Sim clandestina

() Não

5) Possui energia elétrica?

() Sim pela Energisa

() Sim clandestina

() Não

() Outros

6) Quantas pessoas mora nesta residência?

() Apenas 1

() De 2 a 5

() Mais de 5

() Mais de 10

Apêndice B



Figura 01: Trem Maria Fumaça que Passava em Sapé.
Foto: ROCK, 2007.



Figura 02: Antiga estação ferroviária de Sapé-PB.
Foto: ROCK, 2007.



Figura 03: Destruição da estação ferroviária de Sapé.
Foto: ROCK, 2007.



Foto 04: Principal Avenida e Linha Férrea de Sapé-PB.
Foto: ROCK, 2007.



ASPECTO DO CINE SÃO LUIZ
Foto 05: Antigo Cinema da Cidade
Fonte: ROCK, 2007.



Figura 06: Início do bairro Mutirão II.
Foto: AUTORA, 2012



Figura 07: Chegada do bairro as margens da PB, 055 saída para Sobrado.
Foto: AUTORA, 2012



Figura 08: Ruas do bairro sem pavimentação.
Foto: AUTORA, 2012



Figura 09: Falta de saneamento básico.
Foto: AUTORA, 2012.



Figura 10: A principal rua do bairro.
Foto: AUTORA, 2012



Figura 11: Casa de taipa do bairro.
Foto: AUTORA, 2012.



Figura 12: Habitações precárias e rua sem pavimentação.
Foto: AUTORA, 2012



Figura 13: Casas de taipa.
Foto: AUTORA, 2012.



Figura 14: Casa coberta com lona.
Foto: AUTORA, 2012



Figura 15: Ruas do bairro.
Foto: AUTORA, 2012.



Figura 16: Distância do bairro Mutirão II em relação a outros bairros e ao centro de Sapé.
Foto: AUTORA, 2012